

APRENDIZADO, ENCONTRO COM AMIGOS E TROLLAÇÃO: OS SIGNIFICADOS DA ESCOLA PARA JOVENS ESTUDANTES DAS CAMADAS MÉDIAS

LEARNING, MEETING WITH FRIENDS AND HAVING FUN: THE MEANINGS OF SCHOOL FOR YOUNG STUDENTS OF THE MIDDLE CLASSES

Rosana da Silva CUBA*

Resumo: As mutações sociais pelas quais o Ocidente passa a partir do século XX contribuem para redefinir as esferas tradicionais de socialização e ensino, como a escola e os processos de escolarização. O objetivo deste artigo é mostrar como os jovens estudantes (do ensino médio) provenientes das classes médias concebem a escola. A pesquisa é de cunho qualitativo e utilizou-se de quatro procedimentos metodológicos: observação participante; questionário; narrativas e análise de grupo virtual da rede Facebook. Concluiu-se que os jovens expressam posições ambíguas: é o espaço, por excelência, do aprendizado e, ao mesmo tempo, do encontro com os amigos e da trollação.

Palavras-chaves: Escola; Jovens; Camadas médias; Ensino Médio.

Abstract: The social changes through which passes the West in the twentieth century contributed to redefining the traditional spheres of socialization and education, such as school and schooling processes. The purpose of this article is to show how young students (high school) from the middle classes have seen the school and their schooling processes. The research is a qualitative narrative and used four instruments: participant observation; questionnaire; narratives and analysis of virtual network Facebook group. It was concluded that young people has expressed ambiguous positions: is the space par excellence of learning and the same time, meeting with friends and having fun.

Keywords: School; Youth; Middle classes; High School.

Introdução

Profundas transformações sociais caracterizam o final do século XX e o início do século XXI, particularmente no mundo ocidental. O fim do ‘mundo bipolar’ e o capitalismo globalizado trouxeram consigo a reorganização dos sistemas de produção e a maximização dos lucros como os pilares básicos e estruturantes de uma sociedade eficiente. Cabe ressaltar que essas transformações atingiram a todas as esferas das sociedades contemporâneas, desconstruindo padrões e reordenando as funções tradicionais das famílias, escolas, dentre outras instituições. Para denominar esse momento histórico social foram cunhadas expressões como “sociedade pós-industrial ou

* Mestre em Educação – Universidade de São Paulo (USP). Doutoranda – Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) – Centro de Ciências da Educação – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Campus Universitário Trindade – Florianópolis, SC, Brasil. Professora de Sociologia do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal Catarinense (IFC), Campus Luzerna. E-mail: rosana.cuba25@hotmail.com

informacional”, “pós-modernidade”, popularizadas respectivamente por autores como M. Castells (2000) e Z. Bauman (1998).

O contexto escolar merece uma análise particular, especialmente na descaracterização atual da escola como a conhecíamos desde o século XVIII, organizada seguindo as bases da sequencialidade e hierarquização, segundo Tedesco (1998). A sequencialidade dizia respeito à ordem e segregação em etapas do processo de conhecimento e do desenvolvimento da personalidade: havia uma separação nítida entre a infância e o mundo adulto, às crianças eram reservadas brincadeiras e formas de socialização específicas não correspondentes na esfera do mundo adulto. Hoje, a socialização infantil perpassa vários âmbitos sociais antes restritos aos ‘adultos’, desde as mensagens transmitidas pela televisão até o acesso aos meios de comunicação, como a internet. A hierarquização que delimitava claramente as posições na estrutura social, segundo a renda e um saber específico, erodiu: todos necessitam estudar a vida toda, a escola definitivamente não é o único lugar reconhecido como portador do saber, portanto não há uma hierarquia sólida.

Este artigo procura contribuir para a compreensão de algumas dessas questões, mostrando quais os sentidos atribuídos à escola por jovens estudantes do ensino médio de uma escola particular da cidade de São José do Rio Preto (interior do estado de São Paulo, Brasil). Os dados referem-se à pesquisa de cunho qualitativa, realizada nos anos de 2012 e 2013, para a obtenção de título de mestre em educação.¹ Decidiu-se por este recorte socioeconômico (jovens das classes médias) devido à expansão de matrículas nas escolas privadas brasileiras a partir dos anos 90 e porque ainda pode-se dizer que são em número reduzido as pesquisas que analisam jovens de frações das classes médias ou mais abastadas e suas relações com a escola.²

Os procedimentos metodológicos incluíram observação (em sala de aula e nos demais ambientes da escola - pátio, hall de entrada, sala dos professores, cantina, dentre outros); questionário; narrativas e análise de um grupo virtual na rede social Facebook que incluía alunos do 1º ano do ensino médio e docentes. Com a observação, conseguimos compreender como os jovens interagem entre si e com os adultos (professores), construindo suas redes de amizade, espaços de convívio e negociação no cotidiano escolar. O questionário foi importante para delimitar um perfil socioeconômico das famílias. As narrativas, assim, tiveram como enunciado as seguintes indagações:

Imagine o que você sentiria se um belo dia encontrasse na entrada da escola um ET (extraterrestre) o esperando. A missão dele é levar para

o seu planeta de origem a experiência de escola dos jovens terráqueos. Então, ele tem uma semana para aprender tudo sobre a escola e o que ela significa para os jovens e para sua vida. O que você acharia importante dizer a ele? Qual o sentido da escola para você? Porque você a frequenta todos os dias? O que faz na escola? O que você mais gosta na escola? O que menos gosta? O que a escola deveria oferecer para satisfazer aos jovens?

Você pode dizer tudo o que quiser e achar que vale a pena dizer. (Texto adaptado de: CHARLOT, 2001, p. 37)

As narrativas e as mensagens trocadas no grupo virtual foram estudadas à luz da análise de conteúdo proposta por autores como Szymanski, Almeida e Prandini (2002). A proposta dos autores consiste em analisar e construir categorias analíticas segundo os dizeres daqueles que são os sujeitos de uma pesquisa. Todos os procedimentos de pesquisa deste trabalho passaram pela avaliação do comitê de ética da Universidade de São Paulo (*campus* de Ribeirão Preto), após as condições e utilização do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” direcionado aos pais para que pudessem escolher se autorizariam a participação dos seus filhos e filhas (menores de idade). Os trechos de falas ou textos dos jovens apresentados ao longo deste artigo (oriundos das observações; narrativas; questionário e grupo virtual) estão no texto de minha dissertação de mestrado com os mesmos nomes fictícios, como forma de preservação da identidade dos jovens participantes.

A cidade de São José do Rio Preto apresentava um total de 55 escolas de ensino médio, sendo que 26 eram privadas. O estudo foi realizado no “Colégio Cecília Meireles”³ e contou com a participação de 63 jovens: 32 pertencentes do 1º ano (de um total de 33); 19 do 2º ano (de um total de 24) e 12 do 3º ano (de um total de 14). Os jovens tinham idade entre 14 e 18 anos e caracterizaram-se como brancos (54), pardos (6) e negros (3). As mulheres prevaleceram numericamente sobre os homens: 41 estudantes eram do sexo feminino e 22 do sexo masculino. A pesquisa de campo deu-se no segundo semestre de 2012 e houve um retorno, mais pontual, em 2013, para esclarecer algumas dúvidas.

Os modos de ter: situação socioeconômica dos jovens e de suas famílias

Quando avaliamos a situação econômica dos jovens, adotamos a opção teórica de Max Weber (1977), Bourdieu (2007) e Giddens (2002), cujos estudos compreendem que a situação de classe não é determinada, exclusivamente, pelo montante da renda. Ao contrário, é atravessada por uma dinâmica que agrega também elementos culturais e subjetivos (como honra, prestígio, reconhecimento). Maria Alice Nogueira (1997)

ressalta a necessidade de atentar para o *habitus*⁴, visto que as formas como se desfrutam dos bens geram diferenças no plano simbólico e também contribuem para criar os estilos de vida: “Às diferentes posições no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de desvios diferenciais que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência (BOURDIEU, 1983, p. 82 apud NOGUEIRA, 1997, p.111)”. Sendo assim, apresentamos alguns dados que nos permitiram afirmar que os jovens e suas famílias pertencem às camadas médias. Além da análise do questionário, as observações realizadas na escola permitiram compor uma caracterização que correspondesse à realidade vivida pelos jovens.

Com relação à escolarização dos seus pais, verificou-se que estudam mais do que a maior parte da população brasileira com dez anos ou mais. Segundo dados da PNAD, em 2011, a população brasileira com dez anos ou mais estudou, em média, 7,3 anos⁵. No grupo pesquisado, entre os homens, tivemos, entre as maiores recorrências, vinte pais com ensino médio completo (sendo que três fizeram ensino médio técnico ou profissionalizante) e quatorze com ensino superior completo. Entre as mães, encontramos, de forma geral, uma escolaridade maior: quinze concluíram o ensino médio (uma fez ensino técnico e/ou profissionalizante) e vinte e seis têm ensino superior completo. Quando verificamos os índices mais baixos – como ensino fundamental incompleto –, temos um total de seis pais e duas mães com essa escolaridade.

É importante observar que a escolaridade maior do universo feminino (mães dos jovens) não correspondeu ao exercício de profissões marcadas por mais autonomia. Quando questionados sobre a atividade profissional dos pais, obtemos, com maior número de ocorrências, os seguintes dados: dezesseis mães são empregadas com carteira assinada; dezesseis mães são funcionárias públicas; dez mães ocupam-se dos afazeres do lar; duas mães são profissionais autônomas e duas são empresárias. Com relação aos pais, apesar da escolaridade um pouco menor, dezoito são empresários e, portanto, empregadores; quatorze trabalham como autônomos e treze são empregados com carteira assinada.

Para avaliarmos o poder de compra das famílias, utilizamos o critério da ABEP (Associação Brasileira de Estudos Populacionais) que conjuga a posse de itens (eletrodomésticos), o grau de instrução daquele que mais contribui para a renda da família e, ainda, o número de automóveis e se trabalha empregada doméstica na residência. Encontramos como resultados duas famílias pertencentes à classe A1;

dezenove na classe A2; vinte e duas na classe B2; três famílias na classe C1. Não houve nenhuma família inserida nos estratos C2, D e E.

O critério do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que avalia as classes segundo a renda, mostrou-se inviável porque dezoito jovens não quiseram informar a renda mensal de suas famílias. Negri (2012) relata a opção de se chegar a um provável nível econômico a partir de dados como o endereço da residência, tipo de ocupação e valor da mensalidade escolar. Nesta pesquisa, não pudemos adotar esse procedimento porque não incluímos o endereço dos jovens no questionário, nem perguntamos à escola o valor exato da mensalidade.

A partir do conjunto dos dados sociais e econômicos, podemos inferir que essa parcela da população é pertencente às camadas médias. Tem um potencial elevado de consumo, se comparado ao rendimento médio do município (R\$ 978,49 segundo o IBGE, 2010) e combinaram estratégias para conquistar – ou manter-se – em sua situação de classe. Percebemos que a escolarização é uma das vias para a conquista de espaço profissional mais marcante no universo feminino; outra via é o ‘empreendedorismo’, como afirmam Souza e Lamounier (2010). Os autores destacam que “(...) um negócio próprio afigura-se tão importante para inclusão na classe média quanto o diploma universitário, a casa própria ou um padrão de vida estável” (SOUZA; LAMOUNIER, 2010, p. 75). Dada a quantidade de pais que são empresários/empregadores, temos um grupo significativo de pessoas com capital para investir em pequenas empresas ou outras esferas da iniciativa privada.

Os jovens, por sua vez, desfrutam desse padrão de vida confortável, estudar em um colégio privado parece compor o repertório que os distingue de outras parcelas da população juvenil. Estudar em um colégio particular, poder consumir as novas TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) e não preocupar-se com o trabalho são formas de garantir o *status* de grupo privilegiado economicamente, bem como afirmar os próprios interesses e realizar suas escolhas num feixe maior de possibilidades. Sabemos também que o investimento na escolarização da prole é uma marca das camadas médias (ROMANELLI, 1995; NOGUEIRA, 2008; 2010).

Uma das formas de consumo que caracteriza as classes médias do “Cecília Meireles” diz respeito às viagens relacionadas ao lazer. Do total de 62 jovens (um dos jovens não respondeu à pergunta), 44 disseram que sim, costumam viajar. A maioria dos jovens (28) informou que viaja frequentemente para “ranchos” (casas à beira do rio Grande, localizadas na fronteira de São Paulo com o estado de Minas Gerais, em condomínios destinados a esse tipo de moradia) e para destinos conhecidos

nacionalmente por pelo menos uma vez ao ano. As viagens internacionais são realizadas com menor frequência e por uma porcentagem bem menor de estudantes (apenas 08 declararam que saem do país ao menos uma vez por ano). As viagens para o litoral brasileiro são feitas, pela maioria que as faz (um total de 42 jovens), no mínimo, uma vez ao ano.

Os dados encontrados confirmam a pesquisa e a constatação de Guerra (2006) e Neri (2002). Segundo os autores, para entendermos a classe média, não podemos deixar de lado os seus padrões de consumo – que é um dos fatores pelos quais o grupo procura se identificar e distinguir.

Os modos de ser: os jovens e a relação com a escola

A própria chegada à escola já é uma espécie de fronteira, em que se vivem os conflitantes status de jovem e de aluno. É preciso, a partir da entrada, assumir o estatuto de aluno, submeter-se ao olhar de uma secretária ou coordenadora pedagógica que, diariamente, verifica o uso dos uniformes. Essa “passagem” (de jovem a aluno) não ocorre simultaneamente ou sem conflitos. Há, incessantemente, um ir e vir entre o escolar e o “não-escolar” (SPOSITO, 2003). Em conversa na chegada à escola, por exemplo, o diálogo de um grupo de garotos do segundo ano remete a um encontro de anime (evento no qual aqueles que gostam de quadrinhos japoneses – os mangás – vestem-se e apresentam-se como personagens) e aos treinos de musculação: o mar juvenil invade a escola. Dubet e Martuccelli (1997, p. 84) sugerem que essa difícil constituição dos jovens em alunos é uma verdadeira “prova” para os estudantes; conforme os autores, “La experiencia escolar se presenta como una prueba en la cual los actores, especialmente los alumnos, están obligados a combinar y articular estas diversas lógicas de la acción”.

Para atender aos objetivos da nossa pesquisa – os significados e sentidos da escola e os seus processos de escolarização –, começou-se por perguntar aos jovens se “a educação escolar é importante”. Sessenta e um, dentre os sessenta e três participantes, disseram, no questionário, que sim, a escola é importante.

Contudo, quando analisamos as suas narrativas, é possível perceber que essa “certeza com relação à importância da escola” não é, propriamente, uma convicção, mas uma “obrigação necessária”, uma forma de dizer aquilo que os adultos e a escola esperam deles. Os alunos afirmam que a escola é importante, mas os jovens reconhecem que tal importância não tem, necessariamente, afinidades com os seus desejos:

A escola é um lugar onde você aprende várias coisas do cotidiano, com vários tipos de matérias; o sentido da escola para mim é aprendizagem e exercitação do cérebro; Freqüento porque sou obrigado; Gosto mais da aula da Jane (*professora*); O que menos gosto são as provas; Deveria ter mais dinâmica.
(jovem do sexo masculino, 2º ano)

Para mim, a escola é importante, pois penso muito no meu futuro. Freqüento a escola tanto por obrigação, tanto porque quero. (...) A escola para satisfazer o jovem, deve procurar ouvi-lo e dentro do possível atender ao que é pedido.
(jovem do sexo feminino, 1º ano)

A escola é a base da formação intelectual e social para os jovens, uma vez que tem um papel fundamental na educação do jovem.
O fato dos jovens irem todos os dias na escola é porque necessitamos de muitas horas, dias, muito tempo para absorver todo o conhecimento que tenta ser passado.
O ponto que mais me interessa na escola é a oportunidade constante de novas experiências e de adquirir conhecimento, que irá me ajudar no futuro, tanto entrar na faculdade quanto conviver em sociedade.
O que não me agrada muito na escola às vezes, é a convivência em grupo, que pode acarretar muitos problemas, mas também traz amadurecimento.
(jovem do sexo feminino, 2º ano)

A escola é um lugar onde vamos para aprender e para encontrar os amigos. Os professores nos ensinam e nos fazem estudar.
O que eu menos gosto é que temos que estudar coisas que não nos interessam.
Na escola deveríamos estudar coisas que nos interessam, mas sei que isso seria quase impossível.
(jovem do sexo masculino, 1º ano, grifos do autor)

A escola é importante para ter conhecimento básico de matérias como: gramática, matemática, geografia, história, entre outros. E essas matérias são importantes para fazer o vestibular e garantir uma vaga em uma faculdade conceituada. Além de interagir com várias pessoas de personalidades diferentes para, quando a pessoa possuir um trabalho, ter uma base de como vai ser, por exemplo – na escola a autoridade é o professor, e no trabalho é o chefe, o patrão... É importante ter essa noção desde pequeno, que na vida você vai ter que conviver com pessoas que você não gosta por causa do ambiente que você tem obrigação ou necessidade de frequentar.

A escola também é um lugar que além de aprender coisas necessárias para a vida, é também um lugar para conhecer pessoas novas e ter amizades.

Todos frequentam a escola todo dia por obrigação, porque sempre foi assim.

O que faço na escola – aprender, interagir com as pessoas, fazer atividades em sala, fazer provas.

O que mais gosto são as viagens propostas pela escola.

O que menos gosto é do plantão de dúvidas, porque é muito chato vir na escola muito cedo e de tarde.

Os professores deveriam ser amigos dos alunos, pois, com isso, a convivência fica muito mais fácil, além de diminuir a tensão das matérias consideradas chatas.
(jovem do sexo feminino, 1º ano)

A escola seria um lugar onde deveria se aprender conteúdos para num futuro próximo nos formar, ter uma base educacional para a vida, contudo a escola faz parte da vida de muitos, onde aprende-se valores morais entre alunos, professores e funcionários, onde particularmente é a parte que mais gosto, e quando há conflitos de ideias causando tamanha desunião... enfim, é o que menos gosto. Aqui é a preparação para um vestibular ou seja, para um futuro.
(jovem do sexo feminino, 3º ano)

A escola é uma das coisas mais importantes da juventude, é na escola que decidimos nossa vida profissional, fazemos amigos e aprendemos a ter responsabilidade.
Expliquei que ainda há muitas falhas no sistema escolar, os alunos deveriam ser mais estimulados, e deveriam ter atividades extracurriculares.
(jovem do sexo masculino, 3º ano)

No questionário, quando perguntados sobre os motivos pelos quais a escola é importante, a maioria dos estudantes (quatorze) citou o aprendizado. No entanto, talvez seja mais profícuo aqui ressaltar a “difusão” de ideias. A escola é importante por vários motivos e a resposta não aponta uma finalidade unívoca. Doze jovens escolheram vestibular; outros doze escreveram futuro e mais doze citam a socialização como razão que justifica a importância da escola. Por fim, dez alunos citam as palavras emprego e/ou profissão, totalizando 60 estudantes que responderam à pergunta e três deles não escreveram uma resposta.

Inicialmente, gostaria de ter definido um número menor de possibilidades (categorias), por exemplo, poderia ter incluído numa mesma tipificação as respostas relacionadas a vestibular, emprego e futuro, criando uma categoria denominada “planos para o futuro”. No entanto, tratava-se de uma pergunta aberta e como foi oferecida aos estudantes a possibilidade de escreverem como quisessem, julguei mais coerente manter diversas categorias para que os sentidos atribuídos à escola e aos seus processos de escolarização não ficassem diluídos numa síntese excessivamente simplista.

Os resultados encontram alguma ressonância com aqueles encontrados por Charlot (2001) com jovens entre 13 e 17 anos, oriundos de camadas de baixa renda da cidade de São Paulo. No estudo do autor, de onde adaptamos a narrativa para elaborar a nossa pesquisa, as referências sobre o sentido da escola e da relação dos jovens com o saber dizem respeito a “saberes práticos” (CHARLOT, 2001, p. 38).

Na pesquisa de Charlot (2001), a pergunta tinha como intuito saber o que os jovens ensinariam ao ET (Extraterrestre) e quais saberes seriam fundamentais para a vida na Terra. Os jovens responderam, majoritariamente, questões relacionadas à socialização e comunicação: ensinariam a falar a nossa linguagem, trabalhar, realizar atividades de lazer, jogar bola, jogar vídeo game, cuidados pessoais com saúde, vestuário etc. Em segundo lugar, aparecem os saberes de natureza ético-moral e, em terceiro lugar, os “(...) saberes teóricos ou intelectuais: ler e escrever e estudar” (idem, p. 38). Segundo o autor, o lugar da escola na vida dos jovens é o seguinte:

Como espaço privilegiado de socialização, a escola parece cumprir, então, parte da missão que está na sua origem: ajudar crianças e jovens a conviver, aprender e a passar do mundo infantil e juvenil para o adulto. (CHARLOT, 2001, p. 45).

Talvez, uma pequena ressalva que poderíamos fazer em relação aos resultados de Charlot (2001) é a importância atribuída aos conteúdos: os saberes teóricos ou intelectuais. No caso de nossa pesquisa, embora muitos dos jovens que participaram tenham sinalizado um descontentamento com o excesso de teoria, eles também afirmam que o papel da escola é ensinar conteúdos, saberes que serão necessários para a vida adulta e profissional, ao passo que cuidados pessoais com saúde e alimentação, por exemplo, não são, espontaneamente, escritos em seus textos. Os saberes de natureza ético-moral aparecem quando são citadas as necessidades de convivência com o outro e amadurecimento.

Os jovens mostraram-se conscientes dos seus desejos e da necessidade de uma boa formação, embora nem sempre estejam convencidos a carregar o fardo dos estudos. Os significados da escola articulam-se, basicamente, em três dimensões. Primeiramente, a do aprendizado, haja vista as necessidades de ingressar em uma universidade e de se profissionalizar. A segunda dimensão é a do encontro: a amizade é essencial para que consigam suavizar as tensões cotidianas. E, por fim, a “trollação” (esclareceremos mais adiante), que corresponde às possibilidades da “zoeira”, das tentativas de subverter a lógica escolar. Com relação a essa tríade de significados, não estabelecemos aqui uma relação de linearidade ou hierarquia. Apenas procuramos adotar uma sequência semelhante àquela encontrada nas narrativas. A “trollação” só pode ser percebida mediante a observação em sala de aula. Como uma prática que beira a “malandragem” não foi lembrada pelos jovens como algo que pudesse ser dito ao E. T. (Extraterrestre) em suas narrativas.

O aprendizado

Em suas narrativas e também nas respostas aos questionários, os estudantes registraram o que os adultos gostariam de ouvir: a escola “é o lugar de aprender”, “é essencial à formação pessoal”, é “condição para um futuro profissional promissor” – o que inclui universidade ou mercado de trabalho. Nos textos já citados, muitas vezes a relação com “o futuro promissor” aparece como uma forma de camuflar uma insatisfação com a instituição ou com as práticas pedagógicas realizadas diariamente. Contudo, é preciso que se registre que em suas ações cotidianas há, fortemente, o comprometimento com o aprendizado, com o dever-ser.

Nogueira (1997) destaca que Bourdieu configura dois grupos para nomear de forma mais clara as relações das frações médias com a escola: *convertidos* e *oblatos*. Os convertidos caracterizam-se pela adesão quase irrestrita à escola e ao conhecimento, dedicados às atividades propostas. Os oblatos aceitam as ações pedagógicas, mas sem se identificarem, pessoalmente, com elas. Não há como “enquadrar” os jovens do Colégio “Cecília Meireles” em apenas uma dessas opções. Ora são convertidos, ora são oblatos.

Em conversa no grupo virtual da rede social Facebook (criado pelos jovens do 1º ano com a inclusão de seus professores) é possível perceber que os jovens estão comprometidos com o seu aprendizado. Eles discutem sobre a resolução de uma lista de exercícios:

(...)

30/10/2012 22h06

Vinicius: Fiz até a 12 só, esse gabarito foi o a professora passou, n foi?

30/10/2012 22h06

Talita: 8-e 9-d 10-c 11-e 12-e 13 e 14 a prof não passou

30/10/2012 22h09

Talita: vou pesquisar os outros dois

30/10/2012 22h10

Bianca: me explica amanhã se achar? Não to conseguindo

30/10/2012 22h11

Vinicius: malandro

30/10/2012 22h12

Vinicius: 13 e 14 é do c... HDAUHUAHUAHHU n consigo, cabeça pifo

30/10/2012 22h12

Giulia: 13 e 14 posso tentar explicar amanhã pra quem quiser.

Os jovens discutem a resolução de uma lista da disciplina de Física e estão empenhados nisso. Vinicius diz que dois são muito difíceis, a “cabeça pifou” quando estava resolvendo os exercícios de número 13 e 14. Giulia responde oferecendo apoio. Alunos, nesse momento, correspondem ao que a escola espera deles, sem resistência à atividade proposta, mesmo diante das dificuldades.

Muitas pesquisas sobre a produção de sentidos sobre a escola, por parte dos jovens das classes populares e médias, sinalizam para uma confluência de valores e sentidos, especialmente no que diz respeito ao aprendizado e à socialização. As pesquisas de Sposito e Galvão (2004) constataam que a demanda dos jovens, de camadas mais populares, além da socialização, é por um ensino mais completo, que ofereçam possibilidades de enfrentar o mundo do trabalho, principalmente se considerarmos que, com uma origem social mais empobrecida, será muito mais difícil buscar recursos intelectuais que talvez só a escola possa oferecer. Isso nos permite dizer, inicialmente, que os sentidos atribuídos à escola, por jovens de diferentes classes sociais são semelhantes, embora guardem algumas especificidades. Caierão (2008) também constata, em pesquisa de doutorado com jovens de duas escolas públicas da cidade de Passo Fundo (RS), que a escola carrega os sentidos de conhecimento e sociabilidades, sendo que a aquisição de conhecimento é o priorizado pelos jovens.

Barbosa (1999) conclui que jovens de uma escola técnica federal do Rio de Janeiro constroem uma “acentuada relação estratégica” (DAYRELL, 2009, p. 78) com os seus processos de escolarização. Os jovens desejam que a escola articule conhecimento e encontro, para que possam ter garantidas as possibilidades de futuro, sem, contudo, excluir o prazer e o divertimento no espaço escolar. Matos (2001) fez pesquisa envolvendo jovens de camadas populares e mais abastadas e constatou que

[...] os jovens, tanto da escola pública quanto da escola privada, têm posições semelhantes sobre o significado da escola, baseadas no discurso de senso comum sobre o valor da educação formal. Neste sentido, a escola foi considerada importante para todos eles, significando a preparação para o futuro relacionado à dimensão profissional. Mas também foi valorizada a sociabilidade, um espaço de encontro e ampliação de relações. Finalmente, a escola foi reconhecida também como um espaço de troca de conhecimentos. Reconhece-se a centralidade do professor, mas demandam-se conteúdos mais significativos, próximos da realidade e aulas mais “movimentadas”, utilizando novos meios para estimular o envolvimento do aluno (MATOS, 2001, p. 79).

Leite (2011), em pesquisa com jovens estudantes das camadas médias, constata que os estudantes verbalizam a necessidade e importância do aprendizado, mas vivem sob muitas tensões e não conseguem vivenciar “(...) a condição de aluno isoladamente” (LEITE, 2011, p. 110). Lelis (2005), em pesquisa com estudantes dos anos finais do ensino fundamental, provenientes de uma escola de bairro da cidade do Rio de Janeiro, também assinala a importância da escola para os estudantes das classes médias, mas chama a atenção para algo mais específico. A autora destaca, em seus resultados, a relação pouco laboriosa que esses jovens estabelecem com a escola, numa lógica de esforço que conjuga “(...) um mínimo necessário a um desempenho satisfatório” (LELIS, 2005, p.158).

O encontro com os amigos

A amizade é uma das formas de amenizar o peso das tarefas escolares. Uma das perguntas do questionário da pesquisa era: “Você tem amigos?”. No dia em que foi solicitado aos jovens que respondessem tal questionário, em todas as salas de aula (1º, 2º e 3º anos do ensino médio) muitos dos jovens riram e perguntaram-me porque colocar aquela pergunta. Todos assinalaram que sim, tem amigos.

O grupo virtual dos jovens alunos e professores do 1º ano mostra que as amizades são importantes para ajudarem a lembrar das tarefas, de avaliações, combinarem possibilidades de faltar às aulas, entre outras situações. Vejamos um trecho de diálogo dos participantes:

30/09/2012 21h40

Camila: Gente, não esquece que amanhã tem prova de literatura!!

30/09/2012 21h48

Talita: ainda não li o livro (rsrsrsrsrsrs) na verdade eu tentei ler, porém é muito difícil de compreender, então li um resumo...

30/09/2012 21h49

Talita: olá zero, como vc está?

30/09/2012 21h54

Vinicius: Arnold-o

30/09/2012 22h47

Professora de Literatura: sei... kkkkkk

30/09/2012 22h48

Talita: ‘-‘ to falando sério, não li o livro

Um jovem do sexo masculino (Rubens) curtiu o comentário.

30/09/2012 22h48

Talita: Ahhh Rubens, se curtiu o comentário é porque também não leu kkkkk

30/09/2012 22h49

Professora de literatura: espero que o resumo seja bom kkkk

30/09/2012 22h49

Talita: ... oops

30/09/2012 22h50

Rubens: vish uahuahuha

A troca de mensagens ocorre no dia anterior à prova e os estudantes comentam que não leram o livro em um clima descontraído. A jovem Talita diz que não leu o livro pela linguagem e dificuldade de compreensão, sendo que outro jovem (Rubens) parece identificar-se com o comentário e curte a postagem. A Professora de Literatura também participa da conversa sem recriminá-los. Todos os diálogos foram transcritos sem que houvesse nenhuma modificação ou correção ortográfica. No espaço virtual os jovens conseguem equacionar as amizades e, ao mesmo tempo, verificar o que deve ser feito, como tarefas e provas. Portanto articulam formas de sociabilidades para corresponder ao que a escola espera deles sem silenciar sobre a sua condição juvenil.

A perspectiva de estar entre os amigos, na escola, é destacada, mais diretamente, por duas jovens: uma jovem estudante do 3º ano e outra do 1º ano:

A escola é um bom lugar para conhecer amigos (muitos que levarei para vida toda), adquirir conhecimentos, aprender a conviver com as diferenças, respeitar o próximo e por ser um lugar que frequentamos diariamente, superar os problemas que ocorrem fora dela junto aos amigos.

Ela também serve para passar/ transmitir conhecimentos que serão úteis para passar no vestibular.

Sempre gostei de frequentar esse ambiente, pois gosto de conversar e observar as reações, comportamentos das pessoas dentro dele.

As escolas daqui (Brasil) deveriam fazer como as dos EUA, onde cada aluno escolhe as matérias que prefere.

(...)

(jovem do sexo feminino, 3º ano do Ensino Médio)

As escolas são ambientes dedicados ao ensino e aumento do conhecimento de seus alunos. Tais conhecimentos ajudam na aplicação de futuras profissões que podemos exercer. Para mim, esse é o sentido da escola. Eu a frequento todos os dias porque sei que algumas coisas que me são ensinadas serão úteis para que entre em alguma universidade e tenha um bom futuro.

Eu presto atenção nas aulas, mas não em todas, o que é comum. Gosto de conversar com meus amigos, e o fato de encontrá-los na escola é o

que mais me agrada. Não gosto de ficar sentada ouvindo vários professores falarem sobre diversos assuntos, o que se torna cansativo e muita informação para absorver.

Acho que a partir do momento em que o aluno escolhe uma profissão para seguir, a escola poderia fornecer apenas conhecimentos que lhe seriam úteis”.

(jovem do sexo feminino, 1º ano do Ensino Médio)

A dimensão do encontro com os pares, as redes de amizade e a convivência são algumas das motivações que os fazem ter prazer e desejar ir à escola. O dever-ser é sabido e reconhecido pelos jovens, mas só é vivido quando se articula com outras pertencas, que não sejam, necessariamente, as do mundo escolar. As pertencas da amizade e das redes que se articulam e rearticulam dia-a-dia acabam por constituir em uma razão para estar na escola. Como num “trabalho de duelo e reconversão” (DUBET; MARTUCCELLI, 1997, p. 320), os jovens do “Cecília Meireles” lançam mão das amizades e do encontro para conferir os sentidos da escola e dos processos de escolarização. É assim que esses jovens conseguem “(...) transformar esta obligación en proyecto a fin de que sus estudios tengan, a sus ojos, sentido y utilidad” (DUBET; MARTUCCELLI, 1997, p. 320).

A trollação

Os jovens do colégio “Cecília Meireles” usam o termo “trollar” com certa frequência. Os termos “trollar” e “zoar” possuem significados parecidos. Nogueira (2006) mostra como a “zoeira” faz parte da construção das identidades juvenis e pauta as redes de “sociação” entre estudantes do terceiro ciclo do ensino fundamental da chamada Escola Plural em Belo Horizonte⁶:

A zoação serve para quebrar o clima da sala de aula. Dar um outro sentido ao que se passa no interior da escola, acrescentando-lhe novas dinâmicas, investindo em atuações não prescritas aos papéis de aluno que não são, entretanto, de todo descartados. O que se engendra na sala de aula é uma alternância significativa entre velhas e novas inserções que, além de não eliminar as já consagradas pela dinâmica escolar, traz para essa uma tensão, pois zoar é por o clima da sala de aula em questão. É modalizar o enquadre primário atribuindo-lhe outros sentidos aos modos de estar em sala e torná-la significativa para os alunos e alunas. (NOGUEIRA, 2006, p. 110).

O termo “trollar”, mais utilizado pelos jovens do “Cecília Meireles”, guarda uma relação mais estreita com a internet e as redes sociais⁷, muito presentes nas vidas dos jovens pesquisados. Podemos dizer que pelo fato de serem usuários constantes de tais tecnologias, esses jovens acabam aproximando-se mais de tal palavra, sem utilizar com a mesma frequência “zoar”, por exemplo. Segundo Zago (2012), a origem do “troll” refere-se a uma expressão na língua inglesa: “trolling for suckers”, que em português significa “lançando a isca para os trouxas” (ZAGO, 2012, p. 152). A autora define o termo da seguinte maneira: “na internet, costuma-se usar o termo “troll” para designar um indivíduo que perturba o bom andamento de uma comunidade virtual através de postagens de mensagens negativas ou fora de contexto” (ZAGO, 2012, p. 151).

Na sala de aula, há diversas situações em que os jovens “trollam” os professores, envolvendo-se em discussões que fogem àquelas propostas inicialmente, lançando “armadilhas verbais” para fugir da lógica escolar. Em uma das aulas assistidas (observação participante), da disciplina de História, presenciei a seguinte situação:

A professora – ao final da aula – chama alguns dos alunos que estavam debruçados (dormindo?) sobre a carteira, e pede que eles assinem um caderno de ‘ocorrência’. No início da aula ela havia advertido os alunos dizendo: se quiser, pode dormir, mas no final da aula eu vou anotar no caderno. Apresenta uma aula montada com slides, projetados na lousa. No momento da advertência verbal alguns dos alunos levantam-se e permanecem sentados de forma convencional. Contudo, dois meninos mantiveram-se deitados sobre a carteira, com os braços cruzados escondendo o rosto, de modo que era impossível observar se estavam de olhos abertos ou fechados. Quando a professora, ao final da aula os chama e pede que assinem o caderno, não há nenhuma resistência por parte deles, que assinam o caderno sem titubear. Mas uma menina, um tanto indignada, faz uma observação à professora: Nossa, eu acho isso que a escola faz uma coisa ‘retardada’, porque sono a gente não controla, sabe, é uma coisa que não tem jeito. A professora sorri e, em tom de brincadeira (e ironia, talvez) responde à aluna: -Ah, é... Quer dizer que eu posso ligar aqui na escola às sete da manhã e dizer que não vou trabalhar porque estou com sono, e o sono é incontrolável?! Alguns alunos riem, a garota que começou a reclamação também (dá uma gargalhada) e a seguir, a professora chama a atenção dos alunos para a tarefa que irá cobrar na próxima aula. (Caderno de campo, da parte Observações em sala de aula, página 10)

É esse tipo de comportamento que os jovens chamam de “trollar” os adultos, especialmente os professores, com quem se relacionam mais diretamente. A jovem inicia a sua fala de uma forma indignada, como se fosse argumentar com seriedade e, depois de emitir a sua opinião, dá uma gargalhada, abstendo-se de “enfrentar”

diretamente a professora. É interessante notar que, na trolhação, não há um questionamento violento às normas escolares. Ao contrário, o questionamento é irreverente, com um tom de brincadeira quase infantil, até ingênuo, principalmente quando pensamos nos atos indisciplinados de muitas escolas em que os alunos confeccionam bombas e explodem os banheiros.

A trolhação é uma forma de chacota, um desdém complacente. Segundo Dubet e Martuccelli (1997), os jovens, nessa etapa do ensino, em meio às tensões da lógica escolar e às suas próprias subjetividades, exercitam o aprendizado do ofício de aluno. E muitos deles, quando o desejam, comportam-se como os “payasos” ou “bufones”: “(...) formula perguntas idiotas o fuera de lugar, rompe el ritmo de la clase” (DUBET; MARTUCCELLI, 1997, p. 240). São as formas que os jovens encontram para forjar um modo de vida próprio em um ambiente que só os concebe e só quer vê-los como alunos.

Considerações finais

O estudo confirma que vivemos em um tempo histórico em que a escola não monopoliza mais os processos de socialização bem como o acesso ao conhecimento científico. Contudo, não podemos afirmar que ela tenha a sua credibilidade perdida ou que o processo de escolarização seja, para os jovens, apenas um “credenciamento”, como proposto por Dubet (1998). Em texto escrito em 1998, o autor afirmava que a escola – assim como outras instituições do mundo moderno – passaria por um processo de diluição ou enfraquecimento de seu sentido e função social clássicos. Enredada e tendo que dar conta de muitos papéis,

[...] a escola não pode mais ser tomada como uma instituição, na medida em que, cada vez mais tem dificuldade em administrar as relações entre o interior e o exterior, entre o mundo escolar e o mundo juvenil. É, em todo caso, uma característica do modelo francês que não oferece um verdadeiro enquadramento da vida juvenil e que, também, não consegue fixá-la fora de seus muros. Desde o ginásio (collège), a tensão entre o aluno e o adolescente está no centro da experiência escolar (DUBET, 1998, p. 28).

O autor revê, em livro de 2006, intitulado *El declive de la institución*, o processo denominado anteriormente de “desinstitucionalização”. Dubet volta a campo para compreender as mutações e redefinições das instituições modernas e reconsidera o termo criado anteriormente.

Aquino (2005), em pesquisa sobre jovens indisciplinados em uma escola de ensino médio, situada em bairro de classe média de São Paulo, chega à mesma conclusão: a não confirmação da tese da desinstitucionalização (DUBET, 1998). Aquino analisou todas as ocorrências disciplinares referentes a alunos do ensino médio e chega à conclusão de que há poucos registros disciplinares e, quando os há, referem-se a normas internas que não colocam em risco a produção cotidiana da escola, embora haja muitas tensões no cotidiano escolar. O trecho a seguir revela alguns dos resultados:

Os resultados da investigação são surpreendentes visto que apontam para um cotidiano institucional atravessado – jamais sobredeterminado – por pequenos delitos (mormente contra as normas escolares *stricto sensu*) que em nada se assemelham à imagem hiperbólica que se tem de um interior escolar ora desordenado, ora violento. Nenhum rastro de degeneração do papel institucional discente foi testemunhado, pois, em certa medida, pode-se concluir que o cotidiano da escola pesquisada é modelo de logro da ordem disciplinar clássica. Aqui, triunfa um conjunto de usos e costumes nitidamente prosaico e rotineiro. Desta feita, nada de novo parece haver sob o sol escolar investigado, a ponto de corroborarmos a tese da desinstitucionalização escolar pelo viés disciplinar/transgressivo (AQUINO, 2005, p. 11).

No caso do Colégio “Cecília Meireles”, a escola é uma instituição importante para os jovens e constitui o “chão” dos seus planos para o futuro, sendo responsável pelo aprendizado e pelo ensino da convivência.

Em suma, compreendemos uma juventude que não tem a força dos sentidos de suas ações em uma única direção, mas cujos sentidos são tecidos segundo processos e pertencimentos múltiplos, num tempo que se recusa (e pode) a “colonizar as suas experiências presentes” (QUARESMA; ABRANTES; LOPES, 2013, p. 35) com vistas a um futuro. A escola é aprendizado, é convivência entre os pares, é trolhação: tudo ao mesmo tempo.

Referências

AQUINO, Julio Groppa. Jovens "indisciplinados" na escola: quem são? Como agem? SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 1, 2005, São Paulo. *Anais eletrônicos do 1º Simpósio Internacional do Adolescente*. São Paulo, maio de 2005.

Disponível em:

<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000100002&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 27 out. 2014.

BARBOSA, Maria Emília Alfano. *Condição juvenil e experiência discente: um estudo em uma escola de ensino médio*. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Trad. Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: EDUSP; 2007.

CAIERÃO, Iara Salete. *Jovens e escola: trajetórias, sentidos e significados: um estudo em escolas públicas de ensino médio*. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em rede: volume 1*. Trad. Roneide Venâncio Majer. 2. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARLOT, Bernard. *Os jovens e o saber: perspectivas mundiais*. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

CUBA, Rosana da Silva. *Significados e sentidos da escola para jovens estudantes das classes médias*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013.

DAYRELL, Juarez et al. Juventude e escola. In: SPOSITO, Marília Pontes (coord.) *Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)*, volume 1. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, p. 57-126.

DUBET, François; MARTUCELLI, Danilo. *En la escuela: sociología de la experiencia escolar*. Madrid: Editorial Losada, 1996.

DUBET, François. A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização. *Revista Contemporaneidade e Educação*, Rio de Janeiro, ano 3, v.3, p.27-33, 1998. Disponível em: <<http://www.lcqribeiro.pro.br/wp-content/uploads/2011/03/A-forma%C3%A7%C3%A3o-dos-indiv%C3%ADduos-DubetFran%C3%A7ois1.pdf>>.

Acesso em 27 set. 2014.

DUBET, François. *El declive de la institución: profesiones, sujetos e indivíduos en la modernidad*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2006.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GUERRA, Alexandre et. al. *Atlas da nova estratificação social no Brasil: classe média, desenvolvimento e crise*. São Paulo: Cortez, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais*. BRASIL, 2010.

Disponível em:

<<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=354980&idtema=108&search=sao-paulo|sao-jose-do-rio-preto|censo-demografico-2010:-resultados-da-amostra-rendimento--/>>. Acesso em 27 jan. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Dados sobre População do Brasil, PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios)*. BRASIL, 2011.

Disponível em:

<ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_anual/2011/tabelas_pdf/sintese_ind_3_3.pdf>. Acesso em 11/02/2015.

LEITE, Gelson. *Juventude e socialização: os modos de ser jovem aluno das camadas médias em uma escola privada de Belo Horizonte- MG*. 2011. Dissertação (Mestrado

em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

LELIS, Isabel. O significado da experiência escolar para segmentos das camadas médias. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 35, n. 125, p. 137-160, mai/ago. 2005.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. *Juventude e escola: desvendando teias dos significados entre encontros e desencontros*. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

NEGRI, Stefania de Resende. *A “responsabilidade social” no mercado escolar [manuscrito]: uma análise sociológica das demandas parentais em suas relações com a oferta educativa*. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

NERI, Marcelo. *A nova classe média: o lado brilhante da base da pirâmide*. São Paulo: Saraiva, 2011.

NOGUEIRA, Maria Alice. Convertidos e oblatos: um exame da relação classes médias/escola na obra de Pierre Bourdieu. *Educação, Sociedade e Culturas*, Porto, n. 7, maio, p. 109-128, 1997.

NOGUEIRA, Maria Alice. A construção da excelência escolar: um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (orgs.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NOGUEIRA, Maria Alice. Classes médias e escola: novas perspectivas de análise. *Currículo sem Fronteiras*, v. 10, n.1, pp. 213-231, Jan/Jun 2010.

NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz. *Identidade juvenil e identidade discente: processos de escolarização no terceiro ciclo da escola plural*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

ORTIZ, Renato (organizador da coletânea). Gostos de classe e estilo de vida. In: *Pierre Bourdieu: Sociologia*. Trad. Paula Monteiro e Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983.

QUARESMA, Luísa Maria; ABRANTES, Pedro; LOPES, João Teixeira. Mundos à parte? Os sentidos da escola em meios sociais contrastantes. *Sociologia, problemas e práticas*, Porto, n. 70, pp. 25-43, 2012. Disponível em: <<http://sociologiapp.iscte.pt/pdfs/10300/10441.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

ROMANELLI, Geraldo. O significado da educação superior para duas gerações de famílias de camadas médias. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 76, n 184, p. 445-476, set/dez 1995.

SOUZA, Amaury; LAMOUNIER, Bolivar. *A classe média brasileira: ambições, valores e projetos de sociedade*. São Paulo: Editora Campus, 2010.

SPOSITO, Marília Pontes. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. *Revista da USP*, São Paulo, n.57, p.210-226, março/maio 2003.

SPOSITO, Marília Pontes; GALVÃO, Izabel. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. *Perspectiva - Revista do Centro de Ciências da Educação da UFSC*, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 345-380, 2004.

SPOSITO, Marília Pontes (coord.) *Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)*, volume 1. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

SZYMANSKI, Heloisa (org.); ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; REGO, Regina Célia. Perspectivas para a análise de entrevistas. In: SZYMANSKI, H (org.). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília, DF: Editora Plano, 2002, p.63- 86.

TEDESCO, Juan Carlos. *O novo pacto educativo*. São Paulo: Ática, 1998.

WEBER, Max. *Sobre a teoria das ciências sociais*. Lisboa: Editorial Presença, 1977.
ZAGO, Gabriela da Silva. Trolls e Jornalismo no Twitter. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 9, n.1, p. 150-163, jan./jun. 2012.

Notas

¹Este artigo resulta do Projeto de pesquisa de mestrado “Significados e sentidos da escola para jovens estudantes das classes médias”, desenvolvido sob orientação do Professor Doutor Elmir de Almeida, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP – Universidade de São Paulo, campus de Ribeirão Preto. Contou com o apoio da CAPES.

² Ver Estado da Arte, vol.1, balanço da produção de conhecimentos discentes nos programas de pós – graduação no campo dos estudos sobre **Juventude**, de 1999 até 2006, nas áreas Educação, Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia) e Serviço Social, sob coordenação de Marília Sposito.

³ O nome da instituição é fictício, bem como o de todos os estudantes que serão citados aqui. A escola pode ser denominada como uma “escola de bairro”: esta expressão é utilizada pela pesquisadora Lelis (2005) para caracterizar escolas de pequeno porte (o Cecília Meireles tinha 400 alunos em 2013, incluindo ensino fundamental e médio) frequentadas por clientela que mora nas suas proximidades. A instituição só oferece ensino médio no turno da manhã e tem, portanto, como participantes da pesquisa, todas as turmas do ensino médio.

⁴ O *habitus* é definido por Bourdieu como um sistema de disposições para agir, pensar, sentir, que expressa as estruturas sociais externas das quais ele se origina.

⁵Informe da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios) de 2011, entre a população acima dos 10 anos de idade, o tempo médio de estudo é de 7,3 anos. Mulheres estudam por mais tempo que os homens. Enquanto aquelas com mais de 15 anos foram à escola por 7,5 anos, eles passaram 7,1 anos estudando. Disponível em:

ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_anual/2011/tabelas_pdf/sintese_ind_3_3.pdf. Acesso em 11/02/2015.

⁶ “A Escola Plural, experiência realizada em Belo Horizonte, propõe a reorganização dos tempos escolares através da implantação dos “ciclos de formação”. Diferente da escola seriada, o ciclo busca alargar a experiência do aluno na escola e favorecer o trabalho pedagógico ao eliminar a distorção idade/série identificada como uma das responsáveis pelo desestímulo do aluno em aprender e que o leva a evadir mais cedo dos bancos escolares (NOGUEIRA, 2006, p. 59-60).

⁷ O termo teria surgido na Usenet, uma rede de computador ainda em uso, com fóruns de discussões de textos, organizadas em tópicos (ZAGO, 2012).

Artigo recebido em 30/10/2014. Aprovado em 20/02/2015.